

Fazendo pesquisas em movimento: reflexões sobre minha trajetória acadêmica entre Brasil, Inglaterra e Canadá

Doing research on the move: reflecting on my academic journey through Brazil, the United Kingdom and Canada

Júlio D' Angelo Davies

University of Bristol, Bristol, Inglaterra

RESUMO

Este breve ensaio parte das minhas experiências pessoais de deslocamentos transnacionais entre Brasil, Inglaterra e Canadá. Reflito sobre as noções e experiências sociais de retorno e de ilusão biográfica (BOURDIEU, 1996) na vida de migrantes e pesquisadores, colocando em justaposição meus deslocamentos individuais e os projetos de pesquisa em que venho trabalhando desde 2013, quando iniciei o mestrado, até 2022, quando iniciei o pós-doutorado. Ao analisar minha própria trajetória acadêmica, marcada pela descontinuidade espacial e institucional, e atravessada por pesquisas distintas relacionadas às migrações transnacionais, reflito sobre alguns dos principais dilemas profissionais e existenciais contemporâneos apresentados a antropólogos recém-formados. Pesquisadores recém-doutores encontram um mercado de trabalho crescentemente competitivo e excludente em que a internacionalização torna-se uma estratégia de sobrevivência profissional fundamental. Também apresento um breve testemunho sobre o impacto da pandemia de Covid-19 na minha pesquisa de doutorado, cujo trabalho de campo se daria originalmente em 2020.

Palavras-chave: Migrações, Mobilidade acadêmica, Retorno.

Recebido em 10 novembro de 2023.

Aceito em 15 de novembro de 2023.



ABSTRACT

This brief essay is based on my personal experiences of transnational mobility through Brazil, the England and Canada. I reflect on the notions and social experiences of return and biographical illusion (BOURDIEU, 1996) in the lives of migrants and researchers, juxtaposing my individual migrations with the research projects I have been working on since 2013, when I started my master's degree, until 2022, when I began my post-doctorate. By analysing my own academic early-career, marked by spatial and institutional discontinuity and crossed by different research projects related to transnational migrations, I reflect on some of the main contemporary professional and existential challenges faced by recently graduated anthropologists. Early-career researchers find themselves in an increasingly competitive and excluding job market, in which internationalization becomes a fundamental professional strategy. I also present a brief testimonial of how the Covid-19 pandemic affected my doctoral research, whose fieldwork would originally happen in 2020.

Keywords: Migrations, Research mobility, Return.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão simultânea sobre minhas trajetórias de vida e de pesquisas, que se confundem entre ser migrante/retornado e pesquisar migrações/mobilidades. Para tal, reflito sobre minhas experiências em três contextos distintos: no Brasil, onde cursei graduação e doutorado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF); na Inglaterra onde cursei mestrado no King's College de Londres e trabalho atualmente como pesquisador de pós-doutorado na Universidade de Bristol; e no Canadá onde residi durante oito meses como pesquisador de doutorado-sanduíche, beneficiado pelo projeto Rede Internacional de Pesquisa sobre Administração de Conflitos em Espaços Públicos Plurais: Desigualdades, Justiça e Cidadanias em Perspectiva Comparada, do Programa Institucional de Internacionalização da CAPES, coordenado pelo professor Fábio Reis Mota.

O artigo divide-se em cinco partes: na primeira abordo o início da minha jornada na pós-graduação como aluno de mestrado na Inglaterra, onde já residia previamente. Na segunda parte abordo a transição do mestrado para o doutorado e o retorno da Inglaterra ao Brasil, onde iniciei o doutorado em Antropologia na UFF. Em seguida, discuto as dificuldades encontradas em

realizar pesquisa etnográfica em um contexto transnacional durante a pandemia de Covid-19, e as mobilidades inesperadas provocadas pelo contexto excepcional. Na quarta parte discuto como fui afetado pelo contexto inesperado, até finalmente me deslocar para o Canadá depois de algumas mudanças e imponderáveis. E por fim, concluo discutindo minha transição do doutorado para o pós-doutorado, com um novo deslocamento em que retornei do Brasil à Inglaterra.

O MESTRADO NA INGLATERRA E O DESPERTAR DO INTERESSE POR MIGRAÇÕES

Meu interesse por questões ligadas a estudos migratórios surgiu de minha própria experiência como migrante, quando residi por oito anos no Reino Unido (2008-2015), primeiro como estudante de inglês e em um segundo momento como residente europeu com dupla cidadania. Lá cursei o mestrado (2013-2015) em estudos brasileiros do Brazil Institute do King's College, Universidade de Londres. Minha dissertação, defendida em 2015, tratou de um estudo de caso da migração de brasileiros para aquele país. Optei pela não-realização de etnografia ou entrevistas, tendo como objetivo principal uma discussão teórico-metodológica que abordasse a relação entre políticas migratórias (regras para entrada, permanência e/ou retirada de alguém de outra nacionalidade) e fluxos migratórios, tomando o caso brasileiro como unidade de análise. O interesse pelo tema surgiu da minha experiência pessoal, somada a um crescimento da “questão migratória” enquanto “problema” político (esse tem sido um dos assuntos principais da agenda política na Inglaterra desde as eleições de 2010), bem como a dita crise de refugiados que atingiu a Europa em 2015, denominada “o verão da migração” (SCHIOCCHET, 2018).

Embora estas sejam questões políticas de ordens diversas, tanto imigrantes (europeus e não-europeus) quanto requerentes de refúgio foram incorporados ao debate público como se fossem uma mesma questão que demandasse respostas e saídas semelhantes, culminando na saída do Reino Unido da União Europeia no início de 2016. À época, o referendo do chamado *Brexit* foi convocado após uma tentativa britânica frustrada de inserir um sistema de cotas migratórias no país para cidadãos europeus de outros países, controlando a livre circulação. Além disso, havia uma pressão de países banhados pelo mar Mediterrâneo, especialmente Grécia e Itália, para que houvesse uma distribuição igualitária entre todos os membros da União Europeia, dos solicitantes de refúgio que chegavam de barco a esses países. Em janeiro de

2016, poucos meses antes do Brexit, retornei “de vez” ao Brasil e ingressei no doutorado em Antropologia da UFF em 2017. Como discuto no item a seguir, minha experiência de retorno após oito anos no exterior estimulou meus interesses de pesquisa de doutorado.

A DESILUSÃO BIOGRÁFICA

Na seleção de doutorado de 2017 apresentei um projeto de pesquisa que vislumbrava o estudo de brasileiros retornados que tivessem vivido fora do Brasil e retornado. À primeira vista, estudar migração de retorno sendo também um retornado poderia parecer auto-referência acadêmica ou algum tipo de auto-ajuda, mas não era. Minha experiência individual de retorno havia me chamado a atenção para esta questão devido às reações sociais que a minha trajetória produziu em outras pessoas em diversas interações sociais. Incluo aí ingleses, brasileiros e estrangeiros na Inglaterra, e, principalmente, brasileiros residentes no Brasil (incluindo familiares e amigos). Fui sutilmente “cobrado” diversas vezes sobre a necessidade de produzir uma narrativa na qual o retorno fizesse sentido, uma trajetória que fosse linear. Nos termos de Bourdieu (1996), eu produzi algum tipo de *desilusão* biográfica que só pude perceber depois de algum tempo.

Bourdieu fala da ilusão biográfica como um olhar *a posteriori* de quem olha para trás e reconta sua história a partir da posição no presente, encaixando lacunas, “esquecendo” contradições e dúvidas, e produzindo uma narrativa em que vocações e paixões dão o tom do discurso, onde tudo irredutivelmente faz sentido e foi planejado. A minha *desilusão* biográfica, por sua vez, ao invés de ir ao encontro do passado, surgiu de um desencontro com o futuro, ou seja, um rompimento que provoquei em uma trajetória que tinha tudo para fazer sentido. Se eu tivesse retornado com um ótimo emprego ou para abrir um negócio, a narrativa de retorno seria harmonicamente recontada de forma ilusória

O meu currículo biográfico apresentava então esse dilema inexplicável de regressar para um país “em recessão com altos índices de desemprego”, “voltar para essa zona” ou “abandonar o primeiro mundo”, mesmo não estando “ilegal” na Europa nem com visto temporário. A partir dessa falta de “racionalidade” atribuída às minhas escolhas, eu adicionaria os seguintes fatos: não retornei por motivo de doença/morte (minha ou de outrem); não retornei devido a uma oferta profissional tentadora; não retornei porque tive êxito financeiro e consegui juntar um dinheiro para abrir um negócio no Brasil. Estas seriam as justificativas socialmente “plausíveis” que

dariam sentido à minha narrativa: fracasso ou sucesso.

A necessidade de um ou de outro na construção social da narrativa de retorno me parece fundamental para uma ilusão biográfica, e parece equivalente à narrativa sobre “o sonho” de quem emigra. Bosi (1987, p. 27) aponta que na construção social da memória há uma “tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos.” Embora faltassem elementos objetivos para justificar minha trajetória de retorno, eu bem sabia da farta existência de elementos subjetivos (projeto de vida, relações familiares, dificuldades profissionais), que se tornaram minha resposta-padrão para me “justificar” às interpelações.

A partir dessa experiência social de construção discursiva de um retorno, me surgiu a vontade de abordá-lo como tema de pesquisa. Emigrar é por si só um projeto comparativo entre dois lugares, duas realidades. Retornar, então, consiste em um projeto comparativo entre três realidades: a do passado no país de origem; a do país para onde se transfere (percepção que também é dinâmica ao longo do tempo); e a nova realidade que se encontra ao retornar ao local de origem. Ou seja, além da dimensão comparativa geográfica, surge um novo elemento diacrônico de comparação entre o que se deixou e o que se encontrou no local de origem. Tal como migrações e retornos, a pesquisa antropológica “trata-se quase sempre de comparar duas ou mais descrições, e não os próprios objetos descritos: fazemos comparações de relatos antropológicos, ou seja, ficções” (BARTH, 2000, pp. 188-189). Tal como na Antropologia, a experiência individual de migrar também suscita a produção de relatos comparativos entre duas ou mais descrições, duas ficções nacionais. Estimulado em compreender como o retorno era narrado, ingressei no doutorado em Antropologia da UFF em 2017.

NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UMA PANDEMIA

Ao longo da minha formação como pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF inserido no Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM), me interessei em estudar migrações e retorno(s) entre o Brasil e o Líbano, estimulado pela trajetória acadêmica de minha orientadora, Gisele Fonseca Chagas. Meu projeto de pesquisa, defendido em 2019, tratava de fluxos e retornos de libaneses e descendentes entre o estado de São Paulo e o Vale do Beka'a, na porção leste do Líbano, próxima à Síria. Lá está situada a pequena cidade de

Sultan Yacoub, que abriga uma pequena, mas proporcionalmente considerável, comunidade de líbano-brasileiros, e, como observou Pinto (2010, p.41), “o Vale do Beka’a, que teve uma forte emigração para o Brasil em lugares como Ghazze ou Sultan Yaqub, mereceria um estudo mais aprofundado.”

Eu pretendia investigar quais os elementos importantes para uma possível (e presumida) migração circular entre São Paulo e o Vale do Beka’a, analisando as dimensões das trocas materiais e simbólicas entre os dois locais. Para execução da pesquisa etnográfica, eu viajaria ao Líbano em maio de 2020, permanecendo na vila de Sultan Yacoub por aproximadamente oito meses. Com a eclosão da pandemia de Covid-19 a partir de março de 2020, meus planos originais foram atingidos em cheio, e, como a realização da pesquisa envolvia o deslocamento transnacional, a viagem tornou-se inviável. Hoje celebramos Bronislaw Malinowski (1884-1942) como o pai fundador do método etnográfico de observação participante (1922), que prevalece na investigação antropológica há cem anos. Sua inovação metodológica não surgiu em um vácuo temporal, sendo desencadeada pela Primeira Guerra Mundial. Malinowski se deslocou à Austrália em 1914, mesmo ano de eclosão do conflito. O *timing* global interferiu diretamente na (falta de) mobilidade transnacional do antropólogo, comprometendo seu regresso à Europa.

Malinowski foi diretamente afetado por um evento de escala global que interferiu na formulação de sua metodologia criativa, baseada na ideia de longa permanência no campo. Uma disrupção proustiana da percepção do tempo que acontecimentos catastróficos como guerras e pandemias são capazes de criar. Tal como Malinowski, muitos pesquisadores contemporâneos foram afetados pela pandemia de Covid-19, especialmente os inscritos em cursos de pós-graduação que ainda estiveram submetidos a prazos que alteraram completamente as possibilidades de trabalho de campo com base em contingências de mobilidade.

No meu caso individual, além da grave situação sanitária global, o Líbano enfrenta gravíssima crise econômica e social, especialmente agravada desde a explosão do porto de Beirute em agosto de 2020. Essa conjuntura me impossibilitou de viajar e realizar o objetivo inicial de pesquisa. Portanto, no próximo item discuto as estratégias alternativas adotadas e as *serendipities* antropológicas encontradas.

SERENDIPITY NO CANADÁ

Enquanto aguardávamos por vacinas assistindo a uma hecatombe sanitária no Brasil,

em julho de 2020 o PPGA iniciou processo seletivo de bolsas-sanduíche referente ao projeto Rede Internacional de Pesquisa sobre Administração de Conflitos em Espaços Públicos Plurais: Desigualdades, Justiça e Cidades em Perspectiva Comparada, do Programa Institucional de Internacionalização da CAPES. Na ocasião, desisti da ideia original de ir ao Líbano e apresentei um novo projeto de pesquisa que seria originalmente realizado nos Estados Unidos, onde também há uma comunidade libanesa com laços diaspóricos com a pequena cidade de Sultan Yacoub.

Naquele ano fatídico, os Estados Unidos não emitiam nenhum tipo de visto para brasileiros até janeiro de 2021, devido à situação de total descontrole sanitário e ausência de vacinação que vivíamos no Brasil. Como a Capes exigia que a universidade de destino no exterior fosse definida até novembro de 2020, e diante da situação imprevisível no Brasil e nos Estados Unidos, minha orientadora e eu fomos levados a alterar o percurso novamente, e redirecioná-lo para a Universidade de Montreal (UdeM) no Canadá, onde fui supervisionado pela Dra. Dyala Hamzah. Para minha sorte a UdeM estava na lista de instituições de ensino com plano de contingência para a Covid-19, e autorizada a receber estudantes e pesquisadores internacionais. Além disso, há uma numerosa presença de libaneses e descendentes em Montreal

Fui informado pela UdeM de que deveria requerer dois vistos de estudos: primeiro solicitaria ao governo do Quebec o chamado CAQ (Certificado de Aceite do Quebec). Uma vez aprovado, solicitaria o visto de estudos ao governo federal canadense. Em dezembro de 2020 requeri o CAQ, aprovado em fevereiro de 2021. Por conta da demora de oito meses na emissão dos vistos de estudante, só pude viajar ao Canadá em setembro de 2021. Só quem é aprovado pelo governo provincial pode solicitar um visto ao governo federal (que também pode recusá-lo, ainda que aprovado pelo Quebec). O chamado CAQ é emitido pelo Ministério da Imigração, *Francisação* e Integração (MIFI na sigla original), que faz parte do governo provincial do Quebec¹. O MIFI foi fundado em 1968 com o intuito de manter a língua francesa como idioma dominante na província em relação ao uso crescente do inglês, bem como de atrair imigrantes do mundo francófono para migrarem para Quebec. Os vistos de estudos e trabalho são reveladores de como as relações históricas e culturais entre Canadá e Quebec passaram a ser mimetizadas através de ações burocráticas de diferença.

A província de Quebec não apenas possui um Ministério dedicado à integração dos

¹ “Mesmo no sistema federal canadense, altamente descentralizado, os governos provinciais normalmente não têm relações diretas com os governos e povos em lugares distantes. Com a única exceção do Quebec, e seu Ministério de Assuntos Intergovernamentais com propagandas empenhadas no mundo francófono, os governos provinciais não mantêm ministérios de relações exteriores ou se mobilizam para responder a situações e preocupações de povos em outras partes do mundo” (ADAMS, 1983, p. 195).

estrangeiros à sociedade local (pautada fundamentalmente em termos linguísticos), como também criou um Ministério das Relações Exteriores voltado para conectar-se a países do universo colonial francês, fortalecendo relações bilaterais que trouxessem os migrantes ‘desejáveis’. Na prática, esse ministério foi criado com a ambígua missão de atrair estrangeiros francófonos que permitam a sobrevivência da identidade *Quebecoise*. A existência de ex-colônias francesas é fundamental para o projeto ideológico nacional do Quebec. O recrutamento de trabalhadores no exterior foi historicamente direcionado a países da zona de influência cultural francesa, como Argélia, Marrocos, Tunísia, Egito, Haiti e Líbano, todos com diásporas expressivas em Quebec.

A existência de um órgão ministerial dedicado à *francisação* e integração dos imigrantes estrangeiros está pautada na preservação da identidade minoritária do Quebec em relação ao Canadá, ainda que a narrativa oficial sugira o bem-estar, o acolhimento e a inclusão de imigrantes. E a preservação desta diferença minoritária parece estar essencialmente pautada na prática do idioma francês para as atividades básicas cotidianas, em detrimento do inglês. Uma província que se pensa diferente, e que também operacionaliza essa diferença através de símbolos burocráticos²: emite seus próprios vistos a estrangeiros. Além de não ser fluente em árabe, quando finalmente cheguei ao Quebec em setembro de 2021 me deparei com um novo desafio linguístico: a importância do idioma francês na vida social local. Me matriculei no curso de francisação oferecido gratuitamente pelo governo da província, frequentando as aulas entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022. Felizmente, todos os interlocutores libaneses também eram fluentes em inglês, o que viabilizou nossa comunicação.

Surpreso com a forte presença libanesa em Montreal, e a diversidade local de grupos, organizações e associações desta nacionalidade, optei por abandonar a pesquisa que vinha desenvolvendo até a ida para o Canadá e me render à *serendipity* antropológica. Tomei conhecimento do Centro Islâmico Libanês (CIL) antes da viagem a Montreal, mas assim que cheguei à cidade me surpreendi com a existência da ONG LGBTQIA+ libanesa Helem em Montreal. Também fiz contatos com outros grupos e indivíduos, embora não tenham sido abordados em minha tese. Minha pesquisa de doutorado no Canadá baseou-se em oito meses de trabalho de campo realizado em Montreal junto a estas duas organizações libanesas, uma com espaço físico e a outra somente com espaço digital, o que implicou em estratégias metodológicas distintas.

2 “Depois de 1978 o Quebec deteve um poder exclusivo de selecionar os imigrantes ‘independentes’, sendo as demais categorias relevantes [*refugiados e reunião familiar*] de total jurisdição do governo federal. Os independentes representam atualmente [*a autora escrevia na década de 1990*] mais de 60% dos migrantes admitidos ao Quebec” (FORTIN, 2000, p. 95).

No CIL, a pesquisa foi realizada presencialmente durante os oito meses, utilizando o método de observação participante nos seminários religiosos semanais, nas atividades extraordinárias, e em encontros de lazer fora do Centro. Na Helem Montreal, a pesquisa etnográfica foi realizada entre fevereiro e abril de 2022, durante as reuniões virtuais realizadas através da plataforma *Zoom*, que duravam duas horas e ocorriam duas vezes por semana. Além disso, realizei entrevistas abertas (também virtuais) com interlocutores da Helem Montreal, entre outubro de 2021 e abril de 2022. As reuniões do CIL eram realizadas em francês (com falas eventuais em árabe), e as reuniões da Helem Montreal foram realizadas em inglês, refletindo o contexto bilíngue de Montreal. Todas as entrevistas foram realizadas em inglês.

Minha tese de doutorado aprovada em 2022, *Diásporas no plural: formas diferentes de ser libanês em Montreal*, analisa justamente essas duas organizações libanesas sediadas em Montreal a partir de perspectiva comparada. Ao analisar o CIL e a Helem, demonstro como ambos constroem discursos coletivos de alteridades, semelhanças e diferenças em relação ao Canadá, ao Quebec, ao Líbano e ao Oriente Médio que acionam outros elementos de pertencimento coletivo e identidade social que vão além da mera nacionalidade em comum. Estas duas organizações (dentre outras várias) existem como mundos à parte inseridos em uma mesma metrópole, que reivindicam para a si a identidade libanesa de formas muito diferentes e conflituosas, o que por sua vez contrasta drasticamente com seus contextos discursivos domésticos.

RETORNO ANCESTRAL?

Após oito meses de pesquisa etnográfica em Montreal, Canadá, retornei ao Brasil no início de 2022, tendo concluído meu doutorado em dezembro do mesmo ano. Ainda em 2022, tive a grata e rara oportunidade profissional de iniciar um pós-doutorado. Depois de quase sete anos do retorno ao Brasil, retornei então à Inglaterra, onde trabalho atualmente como pesquisador de pós-doutorado na Universidade de Bristol, associado ao projeto *Modern Marronage?: the pursuit and practice of freedom in the contemporary world*, liderado pela Professora Julia O'Connell Davidson (Escola de Sociologia, Política e Estudos Internacionais). A pesquisa, ainda em andamento, investiga criticamente como grupos vulneráveis ao que se denomina no Reino Unido “escravidão moderna” e tráfico humano, concebem e praticam suas liberdades nos dias atuais.

Partindo do conceito de *marronage* como enquadramento analítico, análogo em português à ação de aquilombar-se, o projeto investiga histórias de aquilombamento durante a escravidão transatlântica, contestando criticamente a noção atual de escravidão moderna, que, por sua vez, diverge da conceituação brasileira referente ao trabalho análogo à escravidão. Dentro os diversos grupos contemplados estão trabalhadoras sexuais brasileiras que vivem e trabalham no Brasil e na Europa, frequentemente representadas na imprensa e no discurso oficial de autoridades estatais como particularmente expostas ao risco de tráfico humano e escravidão moderna. A pesquisa aborda as narrativas de mulheres brasileiras buscando analisar formas com que o trabalho sexual pode ser ativamente acionado como estratégia de mover-se em direção à liberdade, tal como o foi por algumas mulheres escravizadas até a abolição da escravatura em 1888.

Poucos meses depois de minha chegada à Bristol, onde eu ainda não havia estado até então, descobri através de genealogia familiar que meu bisavô paterno, Charles Griffin, era natural de Bristol. E, ainda mais surpreendentemente, que havíamos feito jornadas migratórias opostas no passado e no presente: ele deixou Bristol aos 17 anos, tendo migrado como agricultor para Montreal em 1912. Eu, exatos 110 anos depois, deixei Montreal em 2022, onde estudava migrações, e migrei para Bristol no mesmo ano. Novamente, o tema de retornos migratórios me rondava. Desta vez, entretanto, um retorno ancestral, passadas três gerações.

Analisando-se minha trajetória acadêmica desde o mestrado, ela poderia ser artificialmente construída e organizada de forma ilusória: o encadeamento de mestrado, doutorado e pós-doutorado entre Brasil, Canadá e Inglaterra poderia adquirir um sentido pretensamente harmônico às minhas idas e vindas, se fosse narrado como totalmente planejado, sem intervenções, acidentes e imponderáveis do acaso (ou do destino para os que o crêem). Seria o retorno ancestral à Bristol a redenção à desilusão biográfica discutida no início do artigo? Seria o destino uma espécie de nova ilusão biográfica em que a autoria da biografia é deslocada do indivíduo para o universo? Sem respostas concretas às dúvidas existenciais, o agnosticismo parece a melhor saída.

Ainda que temporalmente essa narrativa artificialmente coerente possa ser socialmente plausível, a descontinuidade entre meus temas de pesquisa torna a coesão da ilusão biográfica acadêmica problemática. Como abordado aqui, minhas pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado não têm ligações espontaneamente diretas e harmônicas entre si, exceto pelo fato de todas abordarem migrações e mobilidades. Não houve continuidades entre países, instituições, orientações, metodologias e temas de pesquisa.

Contrariamente à ilusão biográfica do pesquisador de ciências humanas que dedica toda

a carreira a um único tema, a vida real dos antropólogos recém-formados no século XXI que desejam profissionalizar-se está longe disto e exige outros predicados. Como estamos expostos a condições de intensa competitividade, precarização e instabilidade, com vagas de empregos cada vez mais disputadas e editais mais concorridos, o mercado acadêmico “Uberizado” requer flexibilidade, criatividade, mobilidade, resiliência e, principalmente, reinventividade. Ao analisar minha própria trajetória de pesquisas enquanto me desloquei por três países diferentes ao longo de dez anos, pretendi apresentar alguns destes aspectos de mutabilidade e instabilidade, nem sempre prazerosos ou confortáveis, mas fundamentais para o desenvolvimento de jovens pesquisadores que desejem internacionalizar-se.

REFERÊNCIAS

1. ADAMS, Charles Joseph. The development of Islamic studies in Canada. *In*: WAUGH, Earle, ABU-LABAN, Baha; QURESHI, Regula (ed.). **The Muslim community in North America**. Alberta: University of Alberta Press, 1983. p. 185-201.
2. BARTH, Fredrik. Metodologias comparativas na análise dos dados antropológicos. *In*: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 187-200.
3. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
4. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-192.
5. DAVIES, Julio D' Angelo. **Diásporas no plural: formas diferentes de ser libanês em Montreal**. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
6. DAVIES, Julio D' Angelo. **Migration policies and migration streams: a case study of Brazilians in the UK**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – King's College Londres, 2015.
7. FORTIN, Sylvie. **Destins et défits – la migration libanaise à Montreal**. Montreal: Editions Saint-Martin, 2000.
8. MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].

9. OSMAN, Samira. **Entre o Líbano e o Brasil**: dinâmica migratória e história oral de vida. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
10. PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro**: uma identidade plural. Rio de Janeiro: Editora Cidade Viva, 2010.
11. SCHIOCCHET, Leonardo. Contexto e normatividade: a formação antropológica no Brasil e no exterior. **Antropolítica. Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 45, p. 237-264, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/42004>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Júlio D' Angelo Davies

Pós-doutorando na University of Bristol. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador e Membro Associado da Academia de Ensino Superior. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7411-4217>. E-mail: julio.dangelodavies@bristol.ac.uk